

Restauração dos vitrais da igreja São Pedro de Porto Alegre

Mariana Gaelzer Wertheimer

Resumo

Este trabalho apresenta uma parte da campanha de restauração realizada em 2009, na Igreja São Pedro situada na Avenida Cristóvão Colombo em Porto Alegre. Durante o trabalho foi realizado um breve apanhado sobre a situação do vitral no Brasil e a história da Casa Genta (responsável pela manufatura dos vitrais e o maior dos estúdios do Rio Grande do Sul). A Casa Genta trabalhou entre os anos de 1940 e 1980 contando artífices que vieram da Europa, onde já trabalhavam como vitralistas. O trabalho de restauração baseou-se em teorias críticas, considerando cada situação impar e de solução particular. O restauro envolveu um levantamento, diagnóstico, intervenção e produção de um relatório.

Palavras-Chave: Vitral, Genta, Igreja São Pedro.

Introdução

Este trabalho apresenta parte da restauração dos vitrais, realizados na Igreja São Pedro de Porto Alegre. O tratamento se deu *in situ* e em oficina seguindo as premissas básicas do restauro crítico. Este trabalho teve como objetivo recuperar e preservar parte da história rio-grandense, sensibilizando as pessoas para esse tipo de manifestação plástica e, conseqüentemente, contribuir para uma maior conservação do patrimônio de vitral no estado. O levantamento histórico foi realizado através de pesquisas bibliográficas e atividades de campo. Dentre as atividades de campo, destaca-se: o resgate da história da Casa Genta; oficina responsável pela manufatura do vitral. Foram realizadas entrevistas com profissionais ligados à antiga casa, familiares e pesquisas na Junta Comercial de Porto Alegre. Todo o material obtido pela pesquisa foi organizado e completo com relatório feito em duas vias, uma para os arquivos internos e outra entregue a instituição proprietária do patrimônio.

As informações foram organizadas de maneira a ser criado um padrão o mais uniforme, seguindo, quando possível, as convenções do *Corpus Vitrearum Meddii Aevi*

Restauração de vitrais da igreja São Pedro

No Brasil a história do vitral ainda está por ser feita, já que a arquitetura colonial tradicional, portuguesa não privilegiou o vidro. Nas regiões mais ricas, como as cidades do período das minerações, as residências mais sofisticadas precediam muitas vezes das vidraças, utilizando nas janelas folhas de madeira. Mesmo em São Paulo, havia construções simples em taipa de pilão que evitavam vãos e possuíam grandes beirais que protegiam as paredes da umidade (Filho 1983). Possivelmente, isso se deve ao fato de Portugal nunca ter sido um país de grande

tradição de vitrais. Nesse sentido, muito do que possuímos de patrimônio nacional nessa área se deve à posterior imigração principalmente de alemães e italianos.

Em Porto Alegre as duas principais casas foram a Casa Genta e a Casa Veit (Brandão 1994). Existiu também outra casa, chamada Vidraçaria Portô Alegrense, de Eduardo Peuker (antigo funcionário da Casa Veit), que se situava na Rua dos Andradas 1829. Não foram encontrados, no entanto, registros de sua produção na cidade.

A história da Casa Genta iniciou-se com Antônio Genta (conforme figura 1), descendente de italianos, nascido em Montevidéu em 1879. O pai, Giuseppe Genta, transmitiu para Antônio e seu irmão Miguel os ensinamentos da arte do vidro trazidos de Gênova e Altari (cidade natal de Giuseppe), na Itália. Antônio Genta, em meados de 1908, já residindo em Porto Alegre, começou a trabalhar com vidros em uma pequena oficina localizada na Rua Floresta, 19 (atual Avenida Cristóvão Colombo). Inicialmente, teve como sócios seu irmão Miguel Aníbal Genta e Arthur Felipe Fischer. Conforme registro obtido na junta comercial de Porto Alegre foi possível saber que o capital empregado originalmente na fábrica de vidros foi de 25 contos de réis. Nos primeiros anos, enquanto Antônio administrava os negócios, Miguel viajou pela Europa em busca de novas técnicas, máquinas, novidades e profissionais qualificados para trazer à Porto Alegre.



Fig.01 - Antônio Genta

Miguel Genta nasceu em Buenos Aires em 1885. Na juventude, pensou em ingressar para a vida religiosa, mas desistiu logo em seguida por acreditar não ter o dom. Por insistência do pai e do irmão, aprendeu a arte do vidro e, com seu espírito inquieto, logo pensou em transformar o pequeno negócio em uma grande indústria. Durante o período em que se dedicou à empresa, viajou à Europa algumas vezes, nos anos 1923, 1947, 1954 e 1957, permanecendo pelo período de seis meses em cada uma das viagens, sempre com objetivo de trazer novos artistas e atualizar os materiais e maquinarias.

Em um dos retornos de Miguel Genta da Europa, em 1923, a empresa entrou em uma segunda fase, tomando um porte muito maior. O contrato social foi assinado na data de 20 de julho de 1923, incorporando-se à sociedade Helmuth Schmidt Filho. A razão social da empresa passou a ser, então, *Genta Irmãos e Schmidt*, tendo como primeiro endereço a Rua dos Andradas. Em 1930, sua sede mudou-se na Rua do Parque, 65 ou 437, sob o número de CGC 92693530/0001-80. Em 1936, com a saída de Antônio Genta da empresa, a razão social passou a ser *M. Genta, Schmidt e Cia*. Em 1942, Marcelo Pascoal Genta foi incorporado à sociedade e a razão social foi mantida. Os sócios da empresa no ano de 1946 eram Miguel Aníbal Genta, Helmuth Schmidt Filho, Marcelo Pascoal Genta e Waldemar Ruschel. Em meados dos anos de 1950, a sede da empresa passou a ser na Rua do Parque, 437 e 447. Em 17 de setembro de 1959, a empresa foi transformada em S/A (empresa de sociedade anônima). A empresa possuía três departamentos: vidros, autopeças e plásticos. O departamento de vidro se dedicava a vitrais, vidros planos para construções, espelhos, cristais, vidros artísticos e temperados; o setor de autopeças executava vidros para a indústria automobilística e o departamento de plásticos produzia acrílicos para construção, luminosos de acrílico, móveis e artefatos de acrílico. Entre as décadas de 1960 e 1970, expandiram os negócios para o interior do estado do Rio Grande do Sul, com filiais espalhadas pelas cidades de Passo Fundo, Caxias do Sul e Ijuí. As filiais não tiveram produção de vitrais artísticos. Após o falecimento dos fundadores (Antônio Genta em 1943, Helmuth Schmidt Filho em 1958 e Miguel Genta em 1967), a administração ficou a cargo dos descendentes de Helmuth e Miguel (Marcelo Pascoal Genta) até a década de 1980 e 1990, quando a empresa saiu do mercado. O pedido de concordata da empresa foi feito em 1984, e o pedido de falência em 12 de março de 1998.

Os vidros utilizados na Casa Genta eram quase em sua totalidade importados da Europa, principalmente da Bélgica e da Inglaterra (Empresa Bilkenston Brother), e, só mais tarde, trazidos de São Paulo, da Vicente Cracasso. A Genta era responsável pela vinda de vários navios da Europa carregados de chapas de vidro e outros materiais, especialmente trazidos com o objetivo de oferecer ao público do Brasil o que havia de mais sofisticado no ramo. Artistas europeus, especialistas em vitrais, foram trazidos para integrar a equipe da Casa Genta. O ateliê, onde esses artistas trabalhavam, ficava nas dependências da empresa, mas em local privado na parte superior, conforme nos relatou a Sra. Evinha Fischer da Silva (antiga secretária). O ateliê era muito grande, e nele também eram guardados “a sete chaves” os cartões, mostruários e livros com técnicas de vitrais, segundo informações do professor Círio Simon (professor do Instituto de Arte, na época mosaicista, e contemporâneo de alguns mestres). Havia alguns artistas que trabalhavam por contrato e outros por empreitada. Os artistas principais que trabalharam na Casa Genta dedicando-se à criação de cartões, desenhos

e pintura de vitrais eram; Max Dobmeier e Francisco Huguet, ambos trabalharam na execução dos vitrais da igreja São Pedro (Wertheimer 2009).

Max Dobmeier era pintor, nascido na Alemanha e trabalhou nas décadas de 1930 a 1950. Os registros são poucos e sua história foi montada a partir de relatos de pessoas entrevistadas. Não se sabe ao certo se sempre trabalhou na Casa Genta, mas existe a possibilidade de ter feito trabalhos como autônomo. O mesmo acontece com mestre Francisco Huguet. Os poucos registros que se tem sobre sua vida base-se na história oral oriunda de parentes. Segundo seus familiares se dedicava desde cedo ao desenho sendo, dentro da Casa Genta, projetista e pintor. Nascido na Espanha, trabalhou nas décadas de 1940 a 1980 (figura 2). Huguet foi trazido de uma casa francesa de nome Maumajéan que funcionou na Espanha desde o final do século XIX.



Fig. 02 - mestre Huguet fotografia anterior a 1952

Com força na produção de vitrais, a casa recebeu vários prêmios, como uma medalha de ouro pelos cinquenta anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, uma medalha de bronze em uma exposição em Chicago, e uma exposição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha em 1935.

Uma das igrejas de Porto Alegre onde podemos ver duas campanhas de construção de vitrais é a Igreja São Pedro, foi possível constatar trabalhos de mestre Max Dobmeier e mestre Francisco Huguet.

O levantamento histórico da igreja apresenta muitas lacunas, sabe-se, no entanto, que primeira capela dedicada a São Pedro foi erguida em 1887, por iniciativa de Eduardo Azevedo de Souza Filho e sua esposa, que doaram uma imagem de São Pedro e o terreno. Em 1917 a pequena capela original passou a ser a Matriz do Curato de São Pedro, mas ainda era apenas um oratório de 6 metros de largura por 8 metros de comprimento com um anexo que servia de sacristia. Então a comunidade aprovou o projeto de um templo maior, de autoria de João

Hruby, e em 1919 foi celebrada a primeira missa na atual igreja, ainda semi-acabada. Somente em 1944, toda a igreja foi concluída, tendo por último suas pinturas, executadas pelos irmãos Curci. O edifício possui predominante características neogóticas com sua ornamentação interna bastante sóbria. Os painéis de vitral da igreja, com desenhos figurativos de temas religiosos, estão ligados à vida de São Pedro.

As janelas estão distribuídas de modo simétrico nas naves laterais, capela mor, batistério, e fachada de acesso. As aberturas em estilo gótico são marcadas por janelas de duas luzes altas, tipo lancetas com o arco superior e bandeira poliglobados. Os vidros coloridos na maioria, de origem importada, marcam um conjunto de manufatura madura. A bandeira da porta principal de autoria da casa Veit (sem datação) tem sua manufatura anterior ao calçamento do passeio, conforme levantamento fotográfico, o que significa anos 20 do século passado. Os painéis da nave e da capela mor são de autoria da Casa Genta, sendo maioria dos painéis das naves laterais de autoria do mestre Hugvet. Os dois últimos painéis, mais próximos da capela mor são do mestre Dobmeir e datam de 1949. Os vitrais da capela mor datam de 1942 e também são de autoria de Max Dobmeir. Pode-se observar dois tipos de calhas mais finas de 6 mm e mais grossas próximas dos 8mm. As calhas mais grossas estão ligadas provavelmente a última intervenção. As numerosas janelas, embora de manufaturas diferentes, apresentam um conjunto coerente e de grande valor plástico.

O trabalho de restauração foi feito em uma campanha prolongada, onde parte do tratamento foi executado *in situ* e parte em oficina. As patologias apresentadas foram abaulamentos pontuais, destacamento de pintura, e um vão em especial com fraturas expressivas e ameaça de perda de material. O relato em questão irá se debruçar na janela oeste número um (conforme nomenclatura do C.V.M.A.) Este conjunto representando a Anunciação tem aproximadamente 0,65 m² e teve sua localização registrada em esquema gráfico (figura 3) e em registro fotográfico (figura 4 e figura 11).

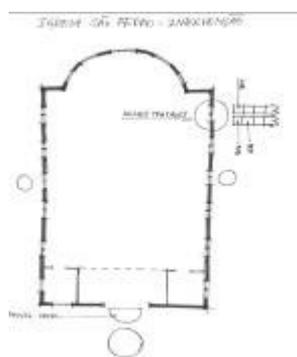


Fig. 03 - Esquema de localização dos painéis na edificação/ escala livre.



Fig. 04 - Vista interna igreja /janela-última esquerda

O estado de conservação da janela em questão era marcado pela existência de calhas de chumbo quimicamente estáveis, sem oxidações importantes que comprometessem a estabilidade do conjunto. A estrutura, no entanto, estava bastante instável no vão devido ao desprendimento da massa na estrutura de ferro e as fraturas instáveis. Os chumbos de reparo foram colocados com alma sem haver desgaste do material original o que acarretou um desnivelamento dos vidros e desajustes das calhas. Alguns fragmentos foram queimados em bases irregulares levando a um desnivelamento nos vidros originais. Muito provavelmente o painel foi todo remontado em uma intervenção anterior o que representa que não existam mais calhas originais do painel. Os vidros estavam quimicamente bastante estáveis, foram constatados, no entanto, alguns irisados podendo indicar uma hidratação da camada superficial do vidro e algumas manchas de escorrimento que podem representar já um processo inicial de troca iônica e começo da decomposição. Fisicamente, no entanto o estado de conservação era bastante preocupante na base da luz direita da janela numerada oeste 1 - "O1" (figura 03). Uma limpeza por pressão de jato de água afetou os vidros provocando fraturas e lacunas. As fraturas apresentadas eram do tipo: estável e instável. Existiam também sujidades e respingos de tinta nos vidros, provavelmente usadas na manutenção do edifício. Alguns fragmentos possuíam destacamento da camada pictórica do tipo pulverulento e do tipo pontual que foram registradas nos diagramas que fizeram parte da documentação do restauro (figura 06)

Foram constatadas intervenções anteriores sem, no entanto, qualquer registro que pudesse descrever como e quantas foram.

O tratamento destes painéis da janela O1 transcorreu em oficina após o apeamento dos três módulos da base da janela. As etapas transcorreram inicialmente com o registro pormenorizado do estado de conservação (figura 06) durante a análise do real estado de conservação foi conferido testando, em especial, o destacamento da camada pictórica.

Após a análise visual foi feita a limpeza pontual nos vidros. Onde a pintura estava fixa foi usado com água deionizada e pontualmente foram removidas sujidades por meio mecânico (figura 07).

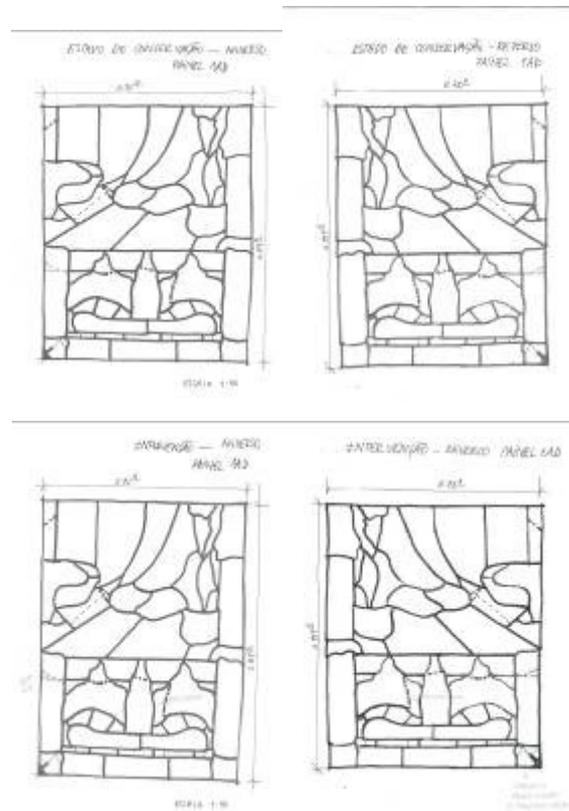


Fig.06 - diagramas de registro-estado de conservação e intervenção



Fig. 07 - Limpeza em todo o reverso

As colagens das fraturas do tipo estável foram realizadas com adesivo do tipo metilmetacrilato reagente aos raios U.V. (figura 08). Em fraturas instáveis foram colocadas calhas de reparo.

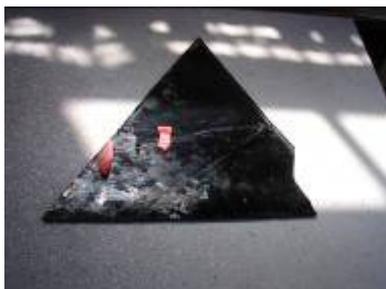


Fig. 08- colagem com resina acrílica

A reprodução de fragmento (figura 09) para os preenchimentos das lacunas foi executada em mesa de luz com novos vidros pintados usando grisalha e amarelo de prata queimados a 600°C e 500°C consecutivamente. Estas novas peças receberam assinatura e datação nas margens que ficaram dentro da calha e servirão de informação, para novas intervenções caso se perca a documentação. O desenho foi executado em um vidro de pigmentação muito próxima a original e com pintura sem pormenorização o que permite a distinção entre original e reprodução.



Figura 09 - processo de reprodução

Com os novos fragmentos o painel foi montado novamente. As calhas de conserto, com alma foram substituídas por calhas sem alma possibilitando assim um nivelamento do painel (figura 10). A calafetagem foi feita após a aplicação das soldas necessárias com massa industrial pelo anverso e reverso. Após o tratamento o painel foi colocado no vão original (figura 11)



Fig.10 - Remoção das calhas de reparo com alma, nivelamento do painel.



Figura 11 - painel antes de restauração e detalhe após restauração

Considerações finais

Com este trabalho, estaremos materializando a memória, contribuindo para a conservação do patrimônio em vitral e sensibilizando as pessoas para a apreciação e conservação. Diante da pouca existência de registros deste gênero no Brasil, tanto no que diz respeito a restauração, quanto ao resgate histórico o relato é importante na área de Preservação de Patrimônio Cultural. Contribuirá, dessa maneira, para a preservação e divulgação de uma manifestação plástica regional de importância nacional e com grande possibilidade de perdas advindas do descaso e da falta de valorização dessa arte em vidro.

Fontes:

BRANDÃO, I. L. *Luz no êxtase: Vitrais e Vitralistas no Brasil*. São Paulo: Dórea Books and Art, 1994.

FILHO, N.G.R. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1983

WERTHEIMER, G. M. *Estudo do Patrimônio de Vitrais Produzidos em Porto Alegre no Período 1920-1980*: CD ROM poli-copiado através da Lei *Rouanet* Programa Petrobrás Cultural: Porto Alegre, 2009

Autora

Mariana Gaelzer Wertheimer

Arquiteta (1991) e Bacharel em cerâmica (2004). Técnica em Restauração de Vitrais pelo IPPAR-Portugal (1998) é mestranda do curso de Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. Restaurou os painéis de vitral da Clarabóia da Vice Governadoria do Estado do RS, (2006). Com os resultados apresentados no XII Congresso da (ABRACOR) em Fortaleza (2006) e no encontro do ICOM-CC-Eslovênia (2007). Foi professora no Instituto de Artes na UFRGS e no Curso de Especialização em Arte Sacra da PUC, Porto Alegre. Coordenou a pesquisa: "Estudo do Patrimônio de Vitrais produzidos em Porto Alegre no período 1920-1980." em 2009 apresentando os resultados no Fórum *Conservation and Restaration of Staned Glass Windows do ACCV*. no Museu Metropolitano de Nova Iorque.